

CARTAS PARA A PRÓXIMA GERAÇÃO 2

REFLEXÕES SOBRE A VIDA JUDAICA

pele Rabino-Chefe da Grã-Bretanha
Lord Jonathan Sacks



CARTAS PARA A PRÓXIMA GERAÇÃO 2

REFLEXÕES SOBRE A VIDA JUDAICA

pelo Rabino-Chefe da Grã-Bretanha

Lord Jonathan Sacks



LETTERS TO THE NEXT GENERATION 2
REFLECTIONS ON JEWISH LIFE
by Chief Rabbi Lord Jonathan Sacks
Copyright © 2011 by Office of the Chief Rabbi

Direitos em língua portuguesa cedidos e reservados à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 11 3826-1366 Fax 11 3826-4508 sefer@sefer.com.br
Livraria Virtual: www.sefer.com.br

Apoio:

CONIB – Confederação Israelita do Brasil

Tradução	David Gorodovits
Edição Final	Bernardo Lerer
Revisão	Ilana Fridlin
Editoração Eletrônica	Editora Sêfer
Imagem da Capa	“Archives – VI of S.O.M. Suite”, de Shraga Weil, cortesia da Galeria Safrai (Jerusalém) www.safrai.com
Capa	Dagui Design
Impressão	Sumago Gráfica Editorial
Agradecimento	Louise Greenberg Joanna Benarroch

Permitida a reprodução desta obra, mediante autorização
por escrito da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2012

ISBN 978-85-7931-050-8

Printed in Brazil

Tiragem: 20.000 exemplares

Distribuição interna e gratuita

*“Cada um de nós está aqui por um propósito;
descobrir qual é esse propósito requer tempo e
honestidade, autoconhecimento e conhecimento
do mundo à nossa volta. O propósito existe, só
precisa ser descoberto. Cada um de nós possui uma
constelação única de talentos, um raio de ação que é
só nosso. Dentro dele, pequeno como uma família ou
amplo como um estado, temos a capacidade
de ser uma presença transformadora.”*

Rabino-Chefe Lord Jonathan Sacks

*Esta edição em português
contou com o apoio de*

Alberto Harari e Família

Tishrê 5773 - Setembro de 2012

Índice

Introdução	7
Carta 1. Uma resposta atrasada	9
Carta 2. A honraria do historiador	10
Carta 3. Grandes expectativas	12
Carta 4. A busca da felicidade	14
Carta 5. Uma vida significativa	17
Carta 6. A voz da moral	19
Carta 7. A grandeza de ser pequeno	21
Carta 8. Sobre a fé	23
Carta 9. A dignidade do propósito	25
Carta 10. Uma nação de iconoclastas	28
Carta 11. Fé após o Holocausto	30
Carta 12. Descontentamento sagrado	33
Carta 13. A prece	35
Carta 14. O ritual	38
Carta 15. Servir a Deus dá muito trabalho	41
Carta 16. O retorno do antissemitismo	43
Carta 17. O isolamento de Israel	46
Carta 18. O Deus da Vida e o Livro da Vida	49
Posfácio à Edição Brasileira	53

Introdução

Iom Kipur, o dia mais importante do calendário religioso judaico, é um momento em que fazemos mais do que apenas confessar e expiar os nossos pecados. É o dia supremo da *teshuvá*, que significa “retorno, volta ao lar”. Mas, para voltar ao lar, precisamos nos perguntar quem realmente somos e a qual lugar pertencemos. É o dia em que reafirmamos nossa identidade.

Houve tempos em que isso era um terrível drama. Periodicamente, na Espanha dos visigodos, no século VII, e na Espanha e Portugal do século XV, os judeus eram colocados diante da alternativa da conversão ou da expulsão. Às vezes, restava escolher entre a conversão ou a morte. A maioria não se converteu, mas alguns o fizeram e estes passaram a ser conhecidos como *anussim* (em hebraico, pessoas coagidas mediante pressão) e, em espanhol, como *conversos* ou (de modo depreciativo) *marranos*. Externamente, se comportavam como se fossem cristãos ou muçulmanos, mas mantinham sua fé judaica em segredo.

Uma vez por ano, sujeitando-se a extremos riscos, esgueiravam-se pelas vielas de suas cidades e vilarejos em direção às sinagogas para reafirmar: “Sou judeu e me mantereirei como judeu”. Isto explica a prece antes do *Col Nidre* dando permissão a que todos rezassem junto com os “transgressores” (*avarianim*, em hebraico). Esta também pode ser a razão por que o *Col Nidre* ficou tão profundamente gravado no coração judaico: eram as lágrimas daqueles que pediam perdão ao Eterno pelos votos que pronunciaram e os compromissos que assumiram por medo de morrer. Em *Iom Kipur*, até mesmo o judeu mais afastado retorna ao lar.

Hoje em dia, felizmente, os judeus não enfrentam essa ameaça. No entanto, ser e permanecer judeu nem sempre foi fácil no mundo contemporâneo, não somente em razão do antissemitismo e dos ataques contra Israel, mas também porque o contexto da nossa cultura deixa muito pouco espaço para a fé. Por isso, decidi escrever este pequeno livro na esperança de ajudar a encontrar respostas a algumas perguntas que nos fazemos e a refletir a respeito de como nossa vida será no próximo ano. O livro tem a forma de cartas a dois estudantes judeus; são

fictícios, mas as perguntas deles resumem e representam aquelas que normalmente me são feitas.

Ao escrever o livro, meu pensamento estava voltado à lembrança de quatro pessoas especiais: os saudosos Susi e Fred Bradfield, que enquanto viveram foram um exemplo de dedicação, compromisso e generosidade a todas as causas judaicas; o também falecido Marc Weinberg, um dos líderes de sua geração, que morreu em Israel em 2011, aos 35 anos de idade; e minha mãe Libby, falecida na primeira noite de *Sucót* de 5771, a quem eu e meus irmãos tanto devemos. Que as memórias deles sejam permanentes fontes de bênçãos.

Que o Eterno esteja com vocês e com todo o povo judeu no próximo ano, e que seja de Sua vontade perdoar nossas falhas, ficar atento às nossas preces e inscrever-nos no Livro da Vida.

Rabino-Chefe Lord Jonathan Sacks

Tishrê 5772

Este livro é dedicado às memórias de

Susi e Fred Bradfield ^{z"l}

que durante suas vidas incutiram em seus filhos e netos um profundo amor pelo judaísmo e por seus valores. O compromisso deles com o judaísmo, o povo judeu e Israel serviram de inspiração constante para a família e todos que os conheceram. As vidas deles foram verdadeiras “mensagens para as próximas gerações”.

Que a memória deles seja sempre uma fonte de bênçãos

Carta 1

Uma resposta atrasada

Caros Rute e Michel,

Ao longo do ano vocês escreveram várias vezes para mim, mas eu estava sempre muito ocupado para lhes dedicar um tempo e responder. Com a aproximação dos dias sagrados do nosso calendário, eu me sinto culpado por não ter, de alguma forma, encontrado tempo. Agora, no entanto, apesar do grande atraso, respondo.

Não sei se vocês se conhecem, mas são universitários e pensam a respeito de o que o futuro reserva para os judeus e para a humanidade. Pelas cartas de vocês e de outras que recebo, sei que a preocupação com a hostilidade a Israel no *campus* revela o receio do retorno do antissemitismo.

Vocês têm indagações fundamentais acerca das religiões em geral e do judaísmo, em particular. A fé é algo que faz sentido? Os ateus modernos não estão certos? A religião não tem por base ideias já contestadas ou superadas pela Ciência? Podemos realmente crer em um Deus que se preocupa conosco se Ele não evitou os eventos de 11 de Setembro ou o terremoto no Japão? Podemos acreditar no conceito judaico de Deus após o Holocausto?

De fato, o judaísmo pode ter dado à humanidade ideias transformadoras, mas não seriam elas agora apanágio de toda a humanidade? Precisamos realmente nos manter diferentes e isolados? O judaísmo não é simplesmente irrelevante no século 21?

Além disso, vocês me contaram que estão decepcionados com suas experiências da vida judaica porque consideram os serviços religiosos das sinagogas cansativos, os rituais do judaísmo não os comovem e os deixam perplexos. Não basta a festa de *Pêssach* tratar da liberdade, o *Shabat* do repouso e o *Iom Kipur* do sentimento de arrependimento e tristeza pelos erros que cometemos? E para que tantas leis? Por que não manter o foco somente no essencial?

Rute faz uma colocação muito boa, pois às vezes tem a impressão de que o judaísmo é um desses grandes pacotes que o correio entrega.

Ao abri-lo, vê que a maior parte dele é somente espuma protetora, e o objeto propriamente dito é muito pequeno. Por que o judaísmo precisa ser envolto em tanta proteção?

Tentarei responder, embora o tempo disponível, meu e de vocês, seja muito curto. Antes, porém, vou me ater à pergunta que não fizeram, e está na superfície de tudo o que disseram. O que realmente perguntam é: por que ser judeu? Por que permanecer judeu? Por que viver uma vida judaica? Como isto pode ajudar você a ser a pessoa que quer ser?

Quando as pressões são grandes para conseguir um trabalho, mantê-lo e lidar com todas as demandas dentro de um tempo tão limitado, por que gastar parte desse tempo com uma fé que parece tão difícil e uma forma de vida que você não considera inspiradora? Por que se incomodar com isso? Essa é a primeira das questões. Dela derivam todas as demais. Amanhã lhes escreverei uma resposta a essa pergunta.

Carta 2

A honraria do historiador

Caros Rute e Michel

Ontem, prometi responder à questão de por que permanecer judeu. Como as respostas são muitas, para compreendê-las é necessária a dedicação de uma vida inteira. Precisamos começar de algum ponto e quanto mais inesperado for, melhor.

Eu também estudei em uma universidade e lá ouvi falar de um excêntrico historiador e professor de literatura inglesa que era um *Fellow of All Souls*, isto é, uma das mentes mais brilhantes de sua geração.

A. L. Rowse era mais conhecido por sua teoria a respeito da identidade da “dama negra” dos sonetos de Shakespeare. Morreu em 1997, tendo publicado dois anos antes o livro “Os Historiadores que Eu Conheci”, que li com muita atenção.

Na penúltima frase da última página, uma observação me deixou surpreso e perplexo. Não estava preparado para isto porque A. L. Rowse

não era judeu, e até onde sabia não tinha relações com outros judeus além daqueles da universidade. Eis a frase:

“Se existe no mundo uma honraria que eu gostaria que me fosse concedida seria a de judeu honorário.”

É uma extraordinária observação de um sábio no final da vida refletindo acerca de tudo que seus estudos – e especialmente a História – lhe haviam ensinado.

Os ingleses apreciam honrarias e conhecem tudo a respeito delas. Portanto, é elementar que um dignitário de Oxford e autor de dezenas de livros, não desprezaria uma medalha, um prêmio ou um título nobiliárquico. Mas desejar ser um “judeu honorário” e considerar isto não somente uma honra, mas algo acima de todas as outras, era realmente fantástico.

Por que ele disse isso? Eu nunca estive com ele e não conheço alguém que o tenha encontrado. Na época em que li seu livro ele já tinha morrido. Por isso, só poderia conjecturar.

Seria porque os judeus, muito mais do que os outros povos ao longo da História, se preocuparam com o estudo, a educação e o desenvolvimento da mente? Ou talvez porque contribuíram, de forma absolutamente desproporcional a seu número, com tantos grandes intelectuais no mundo moderno?

Seria porque foram os primeiros monoteístas, os primeiros a acreditar num Deus que transcendia o Universo, criando-o com amor e perdão, fazendo a Humanidade à Sua imagem e dotando-a de uma dignidade que nenhuma outra fé jamais igualou?

Seria porque sobreviveram por tão longo tempo – duas vezes mais que o cristianismo e três vezes mais que o islamismo – sob as condições mais adversas jamais experimentadas por outro povo?

Como Rowse era um historiador, seria talvez devido ao fato de os judeus terem sido os primeiros historiadores, os primeiros a perceber Deus na História e também os primeiros a pensar em termos de História?

Já que ele era um escritor no campo da Literatura, seria talvez pelo fato de a Bíblia Hebraica ser o maior trabalho literário jamais escrito? Ou devido à visão de Moisés, a poesia dos Salmos, a consciência social de

Amós, a esperança de Isaías, a sabedoria de Eclesiastes ou a paixão do Cântico dos Cânticos? Ou porque os judeus deram ao mundo os mais básicos conceitos de moral: livre-arbítrio, responsabilidade, justiça e o conceito de lei, *chessed* e as normas de compaixão, *tsedacá* e o princípio da igualdade?

Quem poderá saber? No entanto, tenho certeza de que se oferecessem a Rute a possibilidade de se tornar uma *lady*, ou a Michel, um cavaleiro, certamente não recusariam essas honrarias e nem as tomariam por triviais e irrelevantes. Mas se Rowse estava certo, é claro que vocês receberam uma honraria maior do que essas.

Portanto, não esqueçam disso e nem renunciem a ela.

Carta 3

Grandes expectativas

Prezado rabino,

O senhor poderia esclarecer melhor esse conceito? Não me parece que ser judeu seja uma honraria...

Rute

Rute,

Às vezes nos falta certa perspectiva para apreciar as coisas. Imagine-se sentada num carro, presa em um congestionamento. A visão da estrada se resume ao carro à frente. Pense agora como a cena pareceria diferente, vista de um avião sobrevoando a estrada. Você enxergaria a estrada e toda a paisagem da área da estrada. O envolvimento diário com o cotidiano da vida judaica, muitas vezes nos impede de perceber a beleza, grandiosidade, paixão espiritual e força moral dela.

Ontem, citei o exemplo de A. L. Rowse. Mas, há algum tempo, lendo um livro a respeito de inflação de autoria do articulista do *The Times*, William Rees-Mogg – e sem nenhuma relação com o assunto que estamos tratando – anotei esta frase: “Uma das dádivas da cultura

judaica ao cristianismo foi ter ensinado os cristãos a raciocinar como os judeus. Todo homem moderno que não aprendeu a raciocinar como se judeu fosse, dificilmente pode afirmar que aprendeu a pensar.”

Nietzsche, que certamente não é um filo-semita, escreveu: “Sempre que os judeus adquiriram influência, ensinaram as pessoas a fazer distinções mais apuradas, deduções mais rigorosas e a escrever de forma mais clara e luminosa.”

Winston Churchill disse: “Algumas pessoas gostam dos judeus, outras, não. Mas ninguém que se apegue à verdade pode negar o fato de que, independente de qualquer questionamento, são a raça mais notável e mais formidável que já apareceu no mundo.”

Essas pessoas nos dizem algo, a partir de uma posição diferente da nossa, sentados em nossa metafórica estrada congestionada, a qual nem sempre podemos enxergar. Podemos ver a estrada, mas não a paisagem; enxergamos o carro à nossa frente, mas não o espaço um quilômetro adiante.

O judaísmo realmente transformou o mundo. As duas outras religiões monoteístas – cristianismo e islamismo – tomaram dele empréstimos e se tornaram a fé de mais de sete bilhões de pessoas. Grande parte daqueles que moldaram a mente do homem moderno eram pelo menos de origem judaica: de Marx, Freud e Einstein até Sergey Brin, do Google e Mark Zuckerberg, do Facebook.

O judaísmo tem sido uma fonte inesgotável, como um sol enviando seus raios em todas as direções. Por que e qual a fonte deste poder? E o que tem isto a ver conosco, comigo e com vocês, aqui e agora?

A resposta é porque tendemos a nos transformar naquilo em que acreditamos. As experiências revelam que, se os professores têm elevadas expectativas em relação aos alunos, o desempenho deles é bem melhor. E, inversamente, baixa expectativa, desenvolvimento medíocre.

Nenhuma religião, cultura e civilização jamais teve expectativas mais elevadas em relação ao ser humano do que o judaísmo – e isso se aplica a mim e a vocês.

A Torá diz que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, dotados de livre-arbítrio e abençoados com o intelecto que Ele nos deu. Os nossos sábios afirmam que uma vida é como um Universo: salve uma

vida e salvarás um Universo; destrua uma vida e destruirás um Universo. O Talmud ensina que fomos chamados a nos associar ao Eterno na tarefa da Criação. Para Maimônides, cada pessoa deve sempre ver a si mesma e ao mundo em equilíbrio entre o bem e o mal, de modo que o próximo ato pode fazer a balança de nossa vida se desequilibrar e pender para um lado ou para outro.

Embora algumas destas ideias tenham sido mais tarde tomadas emprestadas pelo cristianismo, pelo islamismo e pela filosofia secular, nenhum destes grupos acreditou nelas de forma tão intensa ou viveu tão consistentemente suas implicações.

A influência dos judeus em relação ao seu número era desproporcional porque acreditavam no indivíduo e no poder de mudar o mundo para melhor. E, de fato, realizaram grandes coisas por acreditar que Deus depositava neles muitas expectativas.

Assim, se pudesse escolher entre todas as culturas do mundo, eu me inclinaria por aquela com as maiores expectativas do que uma pessoa pode alcançar durante sua vida. Por isso, considero uma grande honra ser judeu.

Carta 4

A busca da felicidade

Prezado rabino,

Li sua carta a Rute, mas não entendi como o teor dela poderia fazer alguma diferença em minha vida. Por que deveria viver de forma diferente no futuro apenas por causa da forma pela qual os judeus viveram no passado?

Michel

Michel,

Você está no início da jornada no vasto mundo em que precisará ganhar seu sustento e construir sua vida. Ao fazer suas escolhas, lembre-se disto: “Somos tão grandes quanto os ideais pelos quais vivemos.” Temos

somente uma vida para viver, portanto é melhor escolher cuidadosamente esses ideais. E os ideais que a cultura dos dias de hoje oferece são verdadeiramente muito pequenos – não todos, mas a maioria deles.

Que mundo estranho é esse no qual valorizamos as pessoas por aquilo que ganham, que possuem, pelas roupas que vestem, pelos carros que dirigem, pelas casas em que vivem e pelas férias que se concedem. Essas coisas não são importantes. O judaísmo é tão não puritano quanto uma religião pode ser, a ponto de um grande sábio do século III conhecido como Rav, ter dito: “No mundo vindouro teremos de prestar contas de cada prazer legítimo que nos negamos nesta vida.” Essas coisas são o envoltório da vida que nos é dada como presente, e não a vida em si.

Estudei filosofia na universidade, mas foi em cerimônias fúnebres judaicas que aprendi as mais profundas lições de filosofia. É quando encaramos a verdade sobre o que faz a vida ter valido a pena. Nelas, temos uma rápida percepção do que sobrevive de nós, do que as pessoas se lembrarão e que diferença fizemos na breve sequência de anos que constituíram o espaço de tempo que o Eterno nos concedeu para viver.

Ninguém jamais proferiu um *hesped* (discurso fúnebre) dizendo: “O sr. X era um homem e tanto. Dirigia uma Lamborghini, vestia ternos da Armani, usava um Patek-Philippe no pulso e tinha uma casa de veraneio em Cap Ferrat e uma residência em Mayfair. Era um gigante e jamais voltaremos a ver alguém como ele.” Sabemos que um discurso como este seria totalmente absurdo.

Deixe-me contar um segredo. Há boas razões pelas quais o mundo quer que vivamos nossas vidas tomando por base escolhas erradas. Se ninguém se preocupasse com o tipo de roupa que usa; se tudo que preocupasse o dono de um carro fosse a capacidade de transportá-lo do lugar A ao lugar B; se as pessoas comessem alimentos simplesmente porque são adequados à saúde e se interessassem mais em servir aos outros do que ter a seu serviço uma dispendiosa imensidão de criados, os economistas entrariam em pânico.

Seríamos mais saudáveis e mais felizes, haveria menos inveja, competição e rivalidade e trabalharíamos menos arduamente, com menos estresse e com mais tempo para gozar a vida. Enquanto isso, os publicitários perderiam seus empregos, os fabricantes sofreriam com a

redução da demanda e os homens de negócios advertiriam para o risco de recessão. Então, por conta da felicidade de um número maior de pessoas, devemos nos tornar mais “infelizes” e mais consumistas.

Michel, em algum lugar de nossas almas, precisamos criar espaço para a saúde mental que se perde tão facilmente em meio a avalanche de e-mails, textos, *tweets*, barulho, alvoroço e pressões desnecessárias que parecem nos transformar em escravos, enquanto ouvimos que somos a geração mais afortunada que já viveu. Afinal, assistimos Steve Jobs descendo da montanha e trazendo em suas mãos as duas tábuas iPad 1 e iPad 2 nas quais estão escritas as palavras sagradas que você pode baixar em menos de um minuto e ler numa variedade de fontes a sua escolha.

Precisamos abrir espaço para o que realmente conta: relacionamentos, casamento, família, pertencer a uma comunidade, celebrações, agradecimentos, participar de tradições e de sua sabedoria, doando-se aos outros e partilhando com eles suas tristezas e alegrias.

É preciso espaço para algo maior do que nós mesmos. Mais significativo que o autointeresse e mais extenso que a dimensão de uma vida. Há momentos em que precisamos deixar nossa alma cantar para expressar gratidão e compreender que tudo que temos é dádiva de Deus. É isto que significa “ser judeu”. Precisamos estruturar nossas vidas em torno das coisas que importam – as coisas que são importantes, mas não urgentes – e que por isso tendem a ser relegadas. Não as deixe para quando for tarde demais!

É isto que o judaísmo nos ensina: como segurar a vida com as duas mãos e fazer dela uma bênção. É isso que distingue felicidade de um mero prazer e dá significado aos nossos anos e aos nossos dias.

Uma vida significativa

O senhor pode me dar um exemplo do que quer dizer com “fazer da vida uma bênção”?

Rute

Rute,

Você já ouviu falar de Alfred Nobel, o homem que criou os prêmios que levam seu nome? Pois bem, em 1888, Nobel, o inventor da dinamite, estava lendo o jornal matutino quando, perplexo, deparou-se com seu próprio obituário! É que um jornalista cometera um grave engano e noticiara como sendo dele a morte do irmão... O que o horrorizou foi o texto falando do “rei da dinamite” que havia enriquecido a partir dos explosivos que inventara. Ele logo percebeu que se não mudasse sua vida, esta seria a única lembrança que teriam dele. Naquele momento decidiu dedicar sua fortuna à criação de cinco prêmios anuais a serem entregues às pessoas que contribuíssem significativamente para o desenvolvimento da Física, Química, Medicina, Literatura e Paz. Nobel queria ser lembrado pela paz.

E pelo que seremos lembrados? Esta é a questão que o judaísmo nos coloca especialmente em *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur*. Vou contar um caso verídico, trágico, mas profundamente inspirador, que ocorreu no verão de 2010. Marc Weinberg, um jovem brilhante e talentoso, casado com uma mulher devotada e pai de dois lindos filhos, foi diagnosticado com leucemia. Durante dois anos e meio, com a ajuda da tecnologia médica mais avançada e o apoio das preces de seus amigos, lutou bravamente para vencer a “guerra civil” no seu organismo. Não resistiu e morreu. Tinha pouco mais de 30 anos. Mark não era um jovem qualquer, mas uma pessoa de profunda crença e prática religiosa que dedicou cada momento de sua atribulada e curta vida a ajudar os outros e a fazer florescer o que de melhor existia neles. A força de seu exemplo transformou vidas, ensinou às pessoas o poder de suas potencialidades e as ajudou a se tornarem melhores do que pensavam ser capazes.

E a recompensa foi morrer tão jovem? Abraão perguntou certa vez: “O juiz de toda a terra não fará justiça?” Há momentos que podem abalar a nossa fé até os alicerces. Entretanto, no funeral dele não foi esse sentimento que se apossou de mim. Ao contrário, senti um estranho e inesperado acesso de fé.

Ao meu redor se reuniram cerca de mil enlutados, muitos da idade dele, alguns ainda mais moços. Nas lágrimas que vertiam, vi a diferença que fizera para as vidas deles. Mark não era rico nem famoso e vivera pouco. No entanto, cada um daqueles jovens tinha uma história para contar a respeito de como ele os havia ajudado e inspirado, oferecido a mão amiga e amparado-os quando solitários ou em alguma crise pessoal. Cada uma dessas bênçãos fez surgir outras, na forma de sucessivas ondas de bondade que se espalham cada vez para mais longe.

No filme *A Corrente do Bem*, um jovem estudante recebe uma missão de seu professor de Ciências Sociais: “Conceba um plano prático para modificar o mundo e fazer a Humanidade evoluir.” Comovido pelas queixas das pessoas que ele percebe em dificuldades – um mendigo, a mãe alcoólica e o professor com profundas cicatrizes –, tem uma inspiração. Normalmente bondade produz um comportamento recíproco, isto é, uma bondade se paga com outra bondade. E o que aconteceria se a resposta fosse dada antecipadamente, ou seja, se a bondade que deveria ser a resposta fosse praticada antecipadamente? O que aconteceria se, como condição para alguém ser beneficiado com um ato de bondade, ficasse estabelecido que deveria concordar em ajudar alguém em dificuldade? Isto não tornaria esta virtude contagiosa, criando uma epidemia de generosidade? O filme acaba de forma trágica: o estudante morre, mas a história se torna um guia de esperança porque o estudante teve êxito na tarefa de mudar vidas em uma dimensão inimaginável.

Foi o que senti naquele dia, no meio daquela multidão de enlutados. Estávamos lá para honrar a memória de alguém que, mesmo sem dizê-lo, ensinou as pessoas a pagar com bondade antecipadamente, deixando um vasto legado de bênçãos. Sim, ele morreu jovem e gerou uma gigantesca onda de dor. Mas também ensinou a não deixar a última palavra para a dor, o sofrimento ou a tristeza. Assim, antes de morrer ele nos ensinou como viver.

Naquele dia nós choramos. Acredito que Deus também tenha chorado. O escritor israelense premiado com o Nobel de Literatura em 1966, Shmuel Yossef Agnon, comentou que o *Cadish*, a prece pelos mortos, talvez seja nossa forma de confortar a Deus pela perda de um de Seus filhos. A mortalidade faz parte da condição humana, mas o mesmo acontece com a possibilidade de imortalidade, por meio do bem que fazemos e que continua a gerar o bem muito depois da nossa partida. Há vidas que desafiam a morte e redimem a existência de tragédias. Naquele dia conhecemos uma delas.

Caros Rute e Michel, nenhum de nós sabe quanto tempo vai viver. Sabemos apenas que um dia morreremos. A vida é muito curta para ser desperdiçada com coisas banais.

O judaísmo nos ensina a verdade mais simples e profunda de todas: você faz da vida uma bênção quando é uma bênção para aqueles cujas vidas você toca.

Carta 6

A voz da moral

Eu compreendo a diferença que o judaísmo faz no lar, na sinagoga ou em um ambiente entre amigos, mas que diferença fará na forma como desenvolvo minha carreira profissional?

Michel

Ajudando-o a fazer o que é correto e bom, caro Michel. Ficamos estarecidos com escândalos envolvendo banqueiros, políticos e parlamentares, jornalistas e até policiais. São pessoas que agem da pior forma e revelam a mais completa irresponsabilidade.

Sabemos hoje que não podemos contar com o cumprimento das normas morais. Mesmo pessoas ocupando cargos de confiança podem trai-la. Também sabemos que isto acontece não porque sejam más, mas porque têm mentes criativas, sempre dispostas a justificar qualquer ação que lhes pareça vantajosa: “Se todos agem assim por que eu não posso

fazer o mesmo? Quem vai perceber? Além disso, vivemos envoltos em uma competição brutal na qual ou você abate ou é abatido. E, falando francamente, isso é até legal. E mesmo que não seja, posso contratar um advogado que afirme que é legal. Tenho muito a ganhar e o risco é pequeno.” Este é o comportamento por meio do qual pessoas inteligentes fazem coisas tolas.

Se quiser uma proteção para não fazer tolices como esta, permita-se guiar por uma sabedoria maior que a sua e mais antiga que a de seus contemporâneos. E quando se trata de sabedoria moral, não há tradição mais forte do que a do judaísmo.

A voz da Torá é a voz moral da civilização ocidental. Ela ensina: “Ama o teu próximo como a ti mesmo.” E determina: “Justiça, somente justiça, buscarás.” Ensina: “Haja com justiça, ame com misericórdia e siga com humildade os caminhos do Eterno.”

Preste atenção a estas palavras da *haftará* lida em *Iom Kipur*, extraída do Livro de Isaías: “Será este o jejum que escolhi? Acaso o dia em que o homem humilha a sua alma consiste apenas em inclinar a cabeça como junco e estender, debaixo de si, saco e cinza? Chamas a isso jejum, e será este dia aceitável ao Eterno? Mas eis o jejum que prefiro: quebrar os grilhões da injustiça, desatar os liames do jugo, libertar os que estão oprimidos e terminar com toda a escravidão; depois disto, repartir o pão com o faminto, recolher em casa os infelizes sem abrigo e, vendo alguém nu, vesti-lo, e jamais te esconderes daqueles que são tua própria carne.”

Quem mais fala desta forma, Michel? Não os egípcios ou os babilônios, nem os antigos gregos e romanos, nem Descartes, Kant, Nietzsche ou Schopenhauer. Mas Albert Einstein se referia sempre ao “quase fanático amor pela justiça” que o fez “agradecer à sua estrela” por pertencer à tradição judaica. Os judeus acrescentaram alguma coisa, inflexão, um acento, urgência e paixão à voz moral da humanidade.

É claro que os judeus não detêm o monopólio da consciência ou da virtude, nem afirmam tê-lo. Como diz o Rabino Nissim Guerondi (1180-1263) na introdução de seu comentário do Talmud, acreditamos que princípios morais que determinam as ações dos seres humanos existem desde que os primeiros homens pisaram na terra. Como os psicólogos evolucionários constataram, os seres humanos sempre tiveram um sentimento moral. É o que nos torna animais sociais.

Mas vou ser um pouco mais incisivo em minha argumentação. Não importa o que você decida fazer, haverá momentos nos quais você se sentirá tentado a “tomar um atalho”, tirar vantagem da sua situação, amoldar as regras em benefício próprio, usar acesso privilegiado ou informações internas, fazer qualquer outra coisa que você sabe que não deveria fazer, mas que outras pessoas fizeram e “se deram bem” sem serem descobertas. Não existe vida sem tentações.

É aí que os hábitos inculcados em seu coração pelo judaísmo fazem a diferença: as preces que recitamos, a Torá que aprendemos, as histórias que ouvimos quando crianças, os padrões que sabemos serem esperados de nós e até a consciência de que embora ninguém mais venha a saber, Deus sabe e é a voz da consciência no coração humano.

Isto é mais do que posso expressar em palavras. Quando penso nas pessoas bem dotadas, talentosas, de carreiras promissoras e tão bem preparados que, num momento de tentação diante da perspectiva de lucro fácil, arriscam tudo, agradeço a Deus por sussurrar a palavra que é sempre a mais dura de se ouvir: “Não”.

Acreditem, meus caros Rute e Michel: se a única coisa que o judaísmo fizesse fosse nos afastar da tentação, isto já teria valido todo o dinheiro do mundo.

Carta 7

A grandeza de ser pequeno

Mas, rabino, por que justamente eu? Existem outros judeus. Eles certamente manterão viva a tradição. Por que eu?

Rute

Rute,

Conheço bem as dificuldades que você deve estar enfrentando, os desafios que surgem a todo momento e os problemas a serem superados na vida judaica atual. Podemos conversar mais sobre isso ao longo dos próximos dias. Mas para cumprir meu dever, preciso deixar tão claro

quanto me é possível que precisamos de você, e o mundo precisa de nós.

Existem poucos judeus hoje em dia. Somos 0,2% da população mundial. São 100 muçumanos e 183 cristãos para cada judeu. Somos e sempre fomos um povo pequeno. Moisés já dissera isso há 3.300 anos: “Não por serdes mais numerosos que todos os outros povos, o Eterno vos teve afeição e vos escolheu, pois vós sois o menos numeroso de todos os povos” (Deuteronomio 7:7).

Meditei a respeito muitas vezes. Por que somos tão poucos?

Sem dúvida, uma das razões é o fato de termos sido tão perseguidos ao longo da História, e o Holocausto foi a mais funesta destas perseguições, embora não a única tragédia pois muitos judeus morreram por causa de sua fé.

Outra razão – aliás, uma boa razão – é que nunca procuramos converter o mundo. Se tivéssemos feito isso, certamente haveria mais judeus. Mas nós acreditávamos – e continuamos a acreditar – que ninguém precisa ser judeu para encontrar Deus ou merecer o “céu”. Esta é uma das mais belas crenças do judaísmo. Nesta era global, com suas sociedades multirreligiosas, quanto mais cedo reconhecermos a integridade de outras fontes de sabedoria e virtude, melhor será.

Há, todavia, uma terceira razão, indicada numa estranha história no capítulo 8 do Livro dos Juízes. O episódio ocorreu há mais de 3.000 anos, quando ainda não havia um rei em Israel. Deus ordena a Gideão, o líder judeu carismático daquele tempo, lutar contra os midianitas que atacavam Israel.

Gideão reúne um exército de 32.000 soldados. “É gente de mais”, diz o Eterno. “Diga a todos aqueles que desejam voltar para casa que o façam.” Vinte e dois mil retornaram às suas casas. Agora eles eram apenas 10.000 soldados. “Ainda é muito”, diz o Eterno. Ele ordenou a Gideão conduzi-los até um rio e observar atentamente como bebiam água e mandasse para casa os que se ajoelhassem para beber. Nove mil e setecentos retornaram. Restaram somente 300 homens, um número ridiculamente pequeno para combater. “Agora vá e lute”, diz Ele a Gideão. Foram, lutaram e venceram. Em algum lugar dessa história está o segredo do pequeno número de judeus. Pelo percurso da História judaica se entende que, segundo Deus, uma nação não precisa ser numericamente vasta

para ser verdadeiramente grande. Pequenos grupos podem fazer uma grande diferença. É por isso que os judeus contribuíram na maioria dos campos do conhecimento humano e relativamente muito mais que o seu número.

Mas isto coloca uma enorme responsabilidade sobre cada um de nós. O futuro do judaísmo está em nossas mãos, Rute, e, para um povo tão pequeno como o nosso, cada vida faz uma significativa diferença. Cada perda é uma tragédia.

Não vá embora. Não renuncie. Não abandone sua fé, seu povo, sua História e sua herança. Fique e contribua. Fique e argumente. Fique e traga o mundo judaico para mais perto do que ele deve ser. Se, como A. L. Rowse pensou, é realmente uma honra ser judeu, ostente essa honra com orgulho e mostre que isso é verdadeiro por meio do seu modo de vida.

Carta 8

Sobre a fé

Caro rabino,

Concordo com todas as coisas bonitas que você diz sobre o judaísmo. Mas não são irrelevantes? O judaísmo é uma religião e as religiões foram substituídas pela Ciência. Não precisamos mais acreditar em Deus. Quando a fé fazia sentido, o judaísmo fazia sentido. Mas, hoje em dia, não faz absolutamente mais sentido algum.

Michel

Caro Michel,

Pense no seguinte: para explicar o Universo, não precisamos mais do Gênesis – para isto temos a Ciência. Para controlar o Universo, não precisamos mais das orações – temos a tecnologia. Para evitar o abuso de poder, não precisamos mais de profetas – temos eleições. Para alcançar prosperidade, não precisamos mais de bênçãos – temos economistas. Se adoecermos, não vamos a um rabino, mas a um médico. Se nos

sentimos culpados, não precisamos mais nos confessar – podemos ir a um psicanalista. Se estivermos deprimidos, não precisamos do livro dos Salmos – podemos tomar Prozac. E se buscamos a salvação, podemos ir a um shopping comprar felicidade a preços competitivos. Sendo assim, para que precisamos da religião?

No entanto, a religião sobrevive! Em toda parte, exceto na Europa, a religião vem se tornando mais forte. Atualmente nos Estados Unidos – ainda a maior economia do mundo – mais pessoas participam regularmente dos serviços religiosos do que no teocrático Irã. Na China, onde a economia cresce mais rapidamente do que em qualquer outro lugar do mundo, há mais pessoas nos templos aos domingos do que membros do Partido Comunista, embora este seja o país que há meio século o líder Mao Tsé-Tung declarou estar “livre de religiões”.

Se a religião foi considerada moribunda, ou mesmo extinta, por que está tão vigorosamente viva? A resposta é: nenhuma das ferramentas do mundo moderno – ciência, tecnologia, democracia liberal e economia de mercado – podem responder às três perguntas fundamentais que todos os seres pensantes se fazem:

- O que sou?
- Por que estou aqui?
- Como devo viver?

A Ciência lida com causas, mas não com propósitos. Ela nos diz como, mas não por que. A tecnologia nos dá poder, mas não pode nos dizer como e para que usá-lo. A democracia liberal nos dá o máximo de espaço para viver segundo a nossa consciência, mas não nos sugere o que seja essa consciência. O mercado econômico nos possibilita escolhas, mas não nos ensina como fazê-las.

Entretanto, continuamos em busca de respostas a essas questões e elas são cada vez mais cruciais para nós. Elas constituem parte do nosso humanismo. O *homo sapiens* é um animal que procura o sentido das coisas. É por isso que a religião sobrevive e continuará sempre sobrevivendo. Podemos simplificar da seguinte forma: a Ciência divide tudo em partes para ver como funcionam e a religião junta as partes para verificar o que elas realmente significam. São atividades completamente diferentes e precisamos das duas em perfeita harmonia.

O judaísmo tanto respeita a Ciência que, há 2.000 anos, os nossos sábios determinaram uma bênção específica a ser pronunciada ao “nos encontrarmos com os sábios de qualquer nação do mundo”, isto é, com os que hoje chamamos de cientistas. No século XII Moisés Maimônides afirmou que Ciência e Metafísica são dois caminhos para alcançar a mesma coisa – o amor e o temor ao Eterno.

Mas a Ciência é apenas metade da história. Embora possa analisar a composição química de uma pintura extraordinária, não sabe o que a torna extraordinária. Ela nos relata como foram formados nossos instintos e impulsos, mas não pode nos orientar quais deles devemos desenvolver e a quais devemos resistir. Ela tem meios para medir quais as radiações que existem como *background* no espaço, assim como Penzias e Wilson fizeram para provar que o Universo tem uma origem no tempo. Porém, não podem nos dizer o que existia antes e o que virá a existir depois do Universo.

Quem somos nós? Por que estamos aqui? Como devemos viver? Essas são as questões para as quais precisamos da fé, e elas continuarão sendo argúidas enquanto houver seres humanos na terra. Fé é a resposta às questões que permanecerão mesmo depois que toda a Ciência tenha se esgotado.

Carta 9

A dignidade do propósito

O que o faz ter tanta certeza de que há respostas para estas questões? Talvez a vida não tenha significado algum. Isto é o que pensava o filósofo grego Epicuro. É também o pensamento de Bertrand Russell. É o que pensam hoje em dia os ateus. O Universo apenas existe. Nós apenas existimos, sem que haja uma razão para isto. Por que deveríamos pensar de outra forma?

Michel

Porque, meu caro Michel, os seres humanos sempre elevaram seus olhares para muito além do horizonte. Foi o que levou Colombo e Vasco

da Gama a empreenderem suas viagens de descoberta. Foi o que fez Newton lançar os fundamentos da Ciência e Descartes criar uma nova pauta para a filosofia moderna. Os seres humanos – os seres realmente humanos que não param de pensar – nunca se satisfazem com a resposta “é assim e pronto”: “Por que o Universo existe? Porque sim. Por que estamos aqui? Porque estamos, e pronto. Como devemos conduzir a nossa vida? Da forma que quisermos.”

Isso não é pensamento, Michel, mas prematura extinção do pensamento.

Nada sugere que assim, de repente, o Universo surgiu há cerca de 13,7 bilhões de anos, por acaso, do nada e sem qualquer motivo. Os cientistas mostraram que uma sintonia apurada e quase impossível de ocorrer por acaso ajustou o mundo de modo que nele pudesse surgir a vida. Toda a estrutura do Universo é determinada por seis constantes matemáticas, e, se qualquer uma delas tivesse variado um trilhonésimo de seu valor, a consequência disso é que não existiria nenhum Universo. Se, por exemplo, a força da gravidade fosse um pouquinho diferente, o Universo teria se expandido ou implodido, o que impediria a formação de estrelas e planetas. Isso não prova que, como nos conta a Bíblia, “No princípio Deus criou...”, mas a única outra hipótese que explicaria a nossa existência seria a de que havia um número infinito de universos paralelos, e um deles – o nosso – por acaso reunia condições para que nele se desenvolvesse a vida. Meu ponto de vista é de que, se já é difícil compreender o surgimento espontâneo de um único Universo, muito mais difícil seria admitir o surgimento de um número infinito de universos.

Imagine o seguinte: há um número infinito de Universos e em somente um deles há parâmetros exatamente iguais aos nossos, de modo a tornar possível o desenvolvimento da vida. Dentro deste único Universo há milhões de galáxias, cada uma delas com em média centenas de bilhões de estrelas e, no entanto, nosso planeta é o único no qual sabemos ter surgido a vida. Dentre os três milhões de espécies diferentes conhecidas, somente uma – o *Homo sapiens* – é capaz de autoconsciência e de perguntar “Por quê?” E somente se houver uma forma de vida capaz de perguntar “Por quê?”, haverá consciência no Universo de que existe um Universo. Eu devo supor que tudo isto aconteceu por puro acaso? Que isto simplesmente aconteceu, e pronto?

Não. A hipótese mais simples é aquela introduzida pelo judaísmo muito tempo atrás, segundo a qual o Universo foi criado pelo Deus do amor e do perdão, que deu amor e benevolência à existência, ordenando-nos a amar e perdoar uns aos outros.

Quem sou eu, então? A imagem de Deus.

Por que estou aqui? Para santificar a vida.

Como devo viver? De acordo com os princípios e as leis que Deus nos ensinou.

O Universo não é, ao contrário do que acreditavam os antigos politeístas e atualmente os ateus, o resultado de um choque sem qualquer sentido entre forças primitivas alheias à nossa existência. Nós e o Universo estamos aqui porque Alguém quis que nós estivéssemos – Alguém que nos ergue quando caímos, nos perdoa quando erramos, que nos deu aquela verdadeira liberdade que torna a humanidade diferente de qualquer outra forma de vida conhecida e que nos convida a nos tornar Seus parceiros na obra da Criação.

É somente esta crença que resgata a vida do niilismo, do desespero e da falta de sentido. É verdade que há gente que considera a totalidade da sua vida algo completamente sem sentido. Você mencionou algumas dessas pessoas. Outra foi o falecido Dr. Bernard Williams, que orientou meu doutoramento, uma das pessoas mais brilhantes que conheci. É verdade, não conseguimos resolver esta desavença por meio de provas científicas nem por argumentos lógicos.

Mas todas as grandes verdades da vida são assim. Não há como provar que é melhor confiar do que desconfiar de tudo e de todos, ou que vale a pena assumir o risco do amor e o compromisso do casamento. Ou que faz sentido trazer crianças ao mundo, ou que devemos ser generosos e capazes de perdoar, ou que devemos viver de forma altruísta em vez de focados apenas nos nossos próprios interesses.

Algumas pessoas não ligam absolutamente nada para esses ideais, assim como há pessoas que não veem qualquer sentido na vida além da busca contínua por prazer e da certeza da morte. Assim como há pessoas que vivem sem música e sem senso de humor ou de esperança. Mas certamente concordaríamos em que tais vidas de certa forma são pobres e completamente desinteressantes.

O historiador Paul Johnson escreveu: “Nenhum povo insistiu com mais firmeza do que o povo judeu no fato de que a História tem um propósito, e a Humanidade, um destino.” “Os judeus” – disse ele – “estão no centro da perene tentativa de dar à vida humana a dignidade de um propósito”.

E esta é a verdade que está no coração da nossa fé.

Carta 10

Uma nação de iconoclastas

Achei interessante o que o senhor escreveu ao Michel, mas, sinceramente, todos os monoteístas acreditam no que nós acreditamos. O que torna o judaísmo diferente?

Rute

Eis mais uma boa pergunta Rute. E que o profeta Jeremias responde em alguns dos versículos que recitamos em *Rosh Hashaná*: “Lembro-Me da boa vontade que tiveste para Comigo na tua mocidade, do teu amor por Mim quando eras noiva; de quando Me seguias no deserto, numa terra deserta.”

Os judeus são um povo sempre disposto a viajar rumo ao desconhecido. O judaísmo começou com duas jornadas épicas – uma feita por Abraão e Sara, e outra, por Moisés. É interessante notar que as duas foram em direções opostas àquelas que se poderia esperar, porque normalmente as pessoas viajam em direção aos centros mais civilizados. Todavia, tanto Abraão quanto Moisés viajaram afastando-se das maiores civilizações existentes em seus dias. Os judeus são *akshanim*, isto é, obstinados, teimosos, “agentes da contracultura”. Se o resto do mundo segue numa direção, os judeus seguem para outra. Eles escolhem o que o poeta americano Robert Frost chamou de “o caminho menos percorrido”.

Quando os povos adoravam o poder, os judeus agiram em defesa dos desfavorecidos. Quando as sociedades eram rigidamente hierárquicas,

os judeus ensinaram que as pessoas têm direitos iguais. Quando 90% da Europa era analfabeta, os judeus construíram escolas de modo a que cada uma de suas crianças tivesse direito à educação.

Quando a grande maioria da Humanidade vivia em situação de pobreza, os judeus praticaram o princípio da *tsedacá*, isto é, a obrigação dos que tinham mais do que precisavam de ajudar aos que tinham de menos.

O judaísmo é a voz dissonante no diálogo humano.

Ser judeu é ser um iconoclasta; é desafiar aquilo que em cada época é considerado óbvio; é lutar para destruir os ídolos de todos os tempos.

Os judeus foram muitas vezes pioneiros. Citando mais uma vez palavras de Paul Johnson a respeito dos judeus, “devemos aos judeus a ideia da igualdade perante a lei, tanto Divina quanto humana; da santidade da vida e da dignidade do ser humano; da consciência individual e, portanto, da responsabilidade pessoal; da paz como um ideal abstrato e do amor como fundamento da justiça, além de muitos outros temas que constituem a estrutura moral básica da mente humana”.

Mas a descoberta fundamental que conduziu a todas as outras foi a ideia de um Deus que não é parte da natureza, mas está muito acima dela; um Deus, portanto, que embora não pudesse ser visto podia ser ouvido, um Deus que, ao elevar-Se acima do Universo físico nos convida a ultrapassar nosso Universo puramente físico dos desejos e reflexos que, ao longo dos tempos, levou os povos a praticar violência, crueldade e injustiça.

Os judeus eram diferentes. Ainda somos. Diferentemente dos ateus, acreditamos que o Universo e a vida humana têm um propósito. Diferentemente de cristãos e muçulmanos, acreditamos que você não precisa pertencer à nossa religião para manter um diálogo com Deus ou ter um lugar nos Céus.

O judaísmo não acredita que o ser humano está manchado por um pecado original. É uma religião de questionamentos e argumentos: não acreditamos que o mais alto estado espiritual seja o da obediência cega, que silencia o intelecto concedido por Deus quando nos criou à Sua imagem e semelhança.

Diferentemente de todos os secularistas, duvidamos que a moralidade seja relativa, que casamento seja apenas um estilo de vida escolhido entre vários outros ou que haja direitos sem responsabilidades. Diferentemente dos materialistas, não acreditamos que os seres humanos sejam apenas uma configuração acidental de genes egoístas; que os pensamentos mais nobres não passam de impulsos elétricos que ocorrem no cérebro, e que sonhos, esperanças, visões e aspirações sejam meras ilusões.

Os judeus eram diferentes. Eles ainda são diferentes. O judaísmo afirma a dignidade da diferença. Ao longo da história, os judeus foram o único povo que se recusou decididamente a se assimilar à cultura dominante e a se converter à fé majoritária. Os judeus muitas vezes se constituíam na minoria, como se fosse para ensinar ao mundo que Deus cuida dos direitos das minorias. E para ensinar a todos que nem sempre a maioria tem razão e nem sempre a sabedoria convencional é realmente sábia.

Por isso, frequentemente não gostavam de nós. As pessoas odeiam ver seus preconceitos desafiados.

Mas o mundo precisa de vozes discordantes – e isto nós somos, Rute.

Carta 11

Fé após o Holocausto

Mas como podemos realmente ter fé após o Holocausto, quando os judeus clamaram aos Céus e eles se mantiveram silenciosos? Quando um milhão e meio de crianças inocentes foram assassinadas somente porque seus avós tinham sido judeus? Como alguém pode acreditar em Deus depois disso?

Michel

Caro Michel,

Esta é a grande pergunta e a questão das questões. Tenho me encontrado com muitos sobreviventes do Holocausto. Tornaram-se meus amigos e mentores. Estão entre os mais fortes e entre os que mais afirmam a vida dentre todas as pessoas que conheço.

Não consigo imaginar como sobreviveram tendo visto o que viram e sabido o que sabem, e, no entanto, nenhum deles jamais me perguntou: “Onde estava Deus em Auschwitz?” Vários deles perderam a fé ao longo desses anos, alguns a mantiveram e outros a reconstruíram ao longo do tempo. Alguns nunca haviam tido fé e continuaram sem tê-la.

Mas a questão “Onde estava Deus?” não nasceu no Holocausto. Nasceu no dia em que Caim, a primeira criança humana, matou seu irmão Abel. Deus o havia prevenido, mas não deteve sua mão. Por quê? A dura resposta é que Deus não impede as pessoas de fazerem o que elas querem fazer. Se não, não haveria liberdade. O mundo seria um grande campo de prisioneiros. Deus não faria isto. Grande parte da Bíblia Hebraica é constituída da história das decepções de Deus em relação aquilo que fizemos com esta liberdade. Mas Ele não a cancelou.

Porém, deixe confessar. O Holocausto cria para mim uma contínua crise de fé que se aprofunda cada vez mais a medida que leio a respeito dele. Como pode alguém, após Auschwitz, manter sua fé, não em Deus – mas na Humanidade?

O Holocausto não aconteceu há tanto tempo nem num lugar tão distante. Ocorreu há menos de um século no coração da pós-religiosa, iluminista e racional Europa; no país, nação e cultura que produziu Goethe, Schiller, Mozart, Beethoven, Kant e Hegel, que clamava ter alcançado um novo pico na História da civilização humana.

Ele não foi executado por massas ignorantes. Mais da metade dos que participaram da reunião de Wannsee, em janeiro de 1942, e planejaram a “Solução Final” – o extermínio de todos os 11 milhões de judeus da Europa –, tinham o título de “Doutor”. Eram médicos ou tinham doutorado.

Heidegger, o maior dos filósofos alemães do século 20, era um participante entusiasmado do regime nazista. Ele traiu a colegas e alunos judeus, e depois da guerra, nunca expressou qualquer remorso pelo que fizera. Cientistas, advogados, juizes, doutores e acadêmicos, todos tiveram sua participação no extermínio dos judeus e quase ninguém protestou.

Nenhuma das disciplinas aclamadas como expressões do novo humanismo agiram como uma barreira contra a desumanidade.

A Ciência não proveu de qualquer proteção contra o antissemitismo racial nascido na Alemanha no final do século 19 e que tinha por base duas (assim chamadas) Ciências: o “Darwinismo Social” e o “Estudo Científico das Raças”. De acordo com a primeira, as sociedades evoluíam da mesma forma que as espécies, as mais fortes eliminando as mais fracas. A segunda, mistura de biologia e antropologia, afirmava que os humanos se dividiam em diferentes raças, e cada uma com características imutáveis. Assim, negros, judeus e outros mais eram espécies inferiores. Sabemos agora que ambas as teorias estavam erradas, mas naquela época eram consenso científico.

A Filosofia também não serviu como defesa. No julgamento, Adolf Eichmann afirmou ser discípulo da ética kantiana. Na verdade, muitos dos grandes filósofos europeus, entre eles Voltaire, Fichte, Hegel, Schopenhauer e Nietzsche, bem como o próprio Kant, expressaram sentimentos marcadamente antissemitas.

Nem as artes. Sabemos que um quarteto de cordas tocava música clássica em Auschwitz-Birkenau enquanto 1.250.000 pessoas – homens, mulheres e crianças – eram executadas com gás, queimadas e transformadas em cinzas.

A civilização falhou em civilizar. O humanismo não impediu a desumanidade.

Hoje em dia mesmo, alguns dos mais famosos ateus são intolerantes e insensíveis à dignidade humana, incapazes de escutar pontos de vista opostos aos seus, e certamente não seriam as pessoas que chamaria para criar um mundo de liberdade e compaixão.

Não é fácil manter a fé depois de Auschwitz. O Rav de Klausenberg, Rabino Yekutiel Halberstein, que passou por vários campos de extermínio, disse: “O verdadeiro milagre é o fato de nós, que sobrevivemos ao Holocausto, ainda mantermos nossa fé. Isto, meus amigos, é o maior milagre de todos.”

No livro que leva seu nome, diz Jó: “Ainda que ele me mate, continuarei a confiar Nele.” A fé não significa que, faça eu o que fizer, tudo ficará bem. A liberdade que Deus nos dá inclui entre outras coisas a liberdade de nos destruímos. A liberdade honra nossa humanidade somente quando é acompanhada de responsabilidade. A fé é o chamado

de Deus para que sejamos responsáveis. Deus não nos salva de nós mesmos; Deus nos ensina como nos salvamos de nós mesmos.

A forma como Ele fez isso foi simples. No início da Torá, o livro que foi seu maior presente para nós, Ele nos ensinou que cada ser humano, independente de sua cor, classe ou credo, foi feito à imagem de Deus e segundo Sua semelhança. Isto significa que a vida é sagrada.

Sagrado. Eis aí uma palavra religiosa. Não conheço nenhuma palavra secular que tenha a mesma força moral e poder para abrir caminho em meio a todas as sofisticadas racionalizações. Após o Holocausto, mais do que em qualquer outra ocasião, precisamos do Eterno, pois não há limite para o mal que possa ser praticado pelos seres humanos quando se deixa de acreditar que algo é sagrado.

Carta 12

Descontentamento sagrado

Há mais uma coisa, Rute e Michel.

Acompanhem-me porque quero lhes explicar uma das ideias mais difíceis e revolucionárias do judaísmo – algo ainda não muito bem compreendido, mas absolutamente fundamental para a nossa visão de mundo.

O judaísmo é uma religião formada por pessoas que manifestam um “sagrado descontentamento”, como disse certo escritor. Há um *midrash* muito antigo – um comentário rabínico datado de há cerca de 15 séculos – questionando a respeito do que fez Abraão começar sua jornada religiosa. A resposta é apresentada por meio de uma história verdadeiramente estranha segundo a qual ele viajava por um lugar remoto, quando viu ao longe um palácio em chamas e se perguntou: “Será que aquele palácio não tem dono?” Enquanto pensava ouviu uma voz que vinha do interior do palácio em chamas: “Eu sou o dono do palácio.” Da mesma forma, Abraão ouviu Deus dizer: “Eu sou o dono deste mundo.”

Esta história é um tanto obsessiva. Vamos decifrar o que ela nos quer transmitir. Abraão diz que o palácio deve ter um proprietário. Alguém projetou aquela edificação e a construiu. Palácios não surgem assim, repentinamente, do nada e por si mesmos. E o proprietário, ou ao menos alguém que trabalha para ele, deve estar ali dentro, porque não se abandona um palácio nem se o deixa desabitado. Então por que está em chamas? Alguém deveria apagá-las.

Eu nunca ouvira uma narração tão profunda e perturbadora acerca da natureza do Universo. Nós acreditamos que se assemelha a um palácio. Alguém o projetou. Alguém o construiu. Portanto, Alguém o possui. Como escrevi anteriormente, quanto mais se compreende quanto a sintonia do Universo é apurada para nele se formarem estrelas e planetas e surgir vida, mais inconcebível é a ideia de que simplesmente se originou por geração espontânea. Alguém construiu o Universo no qual viemos a nascer.

Neste caso, por que tanto mal, sofrimento, injustiças, crueldade, violência, terror, doenças e mortes desnecessárias? O Universo é uma contradição. Por um lado existe nele ordem, e por outro, caos. De um lado, o palácio, e de outro, as chamas.

Abraão e nós vivemos com esta contradição. Como o *midrash* indica, só há uma solução para sair dessa contradição. Deus nos chama assim como chamou a Abraão: “Ajudem-me a apagar as chamas.”

Por que Deus não faz isso sozinho? Se Ele pode criar um Universo inteiro, por que não elimina o mal, o sofrimento e as doenças sem a nossa ajuda? Porque uma parte desses males decorre do fato de Ele ter concedido ao ser humano o livre-arbítrio, e Ele não pode cancelar esta concessão sem retirar de nós também a nossa humanidade. E porque somente pode haver um Universo físico capaz de gerar vida se existir deterioração e decomposição.

“Nós somos a poeira das estrelas que já explodiram”, afirmam os cientistas. Então, se não tivessem explodido, nós não existiríamos. Sem doenças não ocorreriam mortes, e sem morte não haveria nova vida. Se as pessoas vivessem eternamente, elas não teriam netos e nós não existiríamos. Deus pode fazer tudo, menos o impossível. E é impossível existir um Universo físico, e vida – cosmologia e biologia – sem decom-

posição, desastre e morte. Este é um palácio que não pode existir sem as chamas.

E precisamos ajudar Deus a apagá-las. Este é o significado da afirmação do judaísmo segundo a qual Deus nos convida para sermos Seus parceiros na obra da Criação. Nenhuma outra religião ou filosofia secular se expressou nesses termos. “Descontentamento Sagrado” é a mais radical contribuição que o judaísmo prestou à civilização ocidental, e é extremamente desafiadora.

Acredito que talvez por isso tantos judeus se tornam médicos para curar doenças, advogados para lutar contra injustiças, economistas para lutar contra a pobreza, professores para lutar contra a ignorância, ou comunicadores para lutar contra intolerância, desinformação e opressão. Os judeus não aceitam o mundo simplesmente tal como é. Nós tentamos consertá-lo para não se manter tão profundamente fraturado. É também por esta razão que me orgulho de ser judeu.

Carta 13

A prece

Rabino, explique o que é a oração. Parece algo sem sentido pensar que, porque digo determinadas palavras, o mundo vai mudar. A vida real não é assim e nós sabemos disso. Então, o que é a oração se não uma crença em magia e mistérios? Peço desculpas por ser tão pouco delicada, mas é o que eu sinto.

Rute

Se pensarmos que a oração é um meio de mudar a opinião de Deus, então você está certa, Rute. De fato, não pode ser isto por uma razão óbvia. Vamos supor que eu reze e peça alguma coisa. Se isso acontecer, será para o bem ou não. Se isso for para o bem, então Deus não precisa da minha oração para que isso aconteça, porque Ele é bom e faz o que é bom. Se não é para o bem, Ele não fará que isto aconteça por mais que eu reze.

A prova disso vem de Moisés. Quando ele rezou pedindo a Deus que perdoasse os israelitas, Ele os perdoou porque Deus perdoa. Mas quando reza pedindo que a ele, Moisés, seja permitido atravessar o Jordão para entrar na Terra Prometida, Deus não o atende e lhe pede que pare de rezar. Por mais que rezasse ele não seria atendido. Por aí se vê, então, que a prece não muda qualquer sentido da decisão Divina.

A oração transforma o mundo porque nos transforma. A palavra hebraica para “rezar” é *lehítpalel*, que significa “julgar a si próprio”. É o que fazemos quando rezamos. Não rezamos apenas para Deus atender aos nossos desejos, mas para que possamos saber o que desejar.

Todos os animais agem para satisfazer seus desejos. No entanto, somente os seres humanos têm capacidade de avaliar seus desejos, alguns dos quais não devemos satisfazer. A comida que chamamos de *junk food* (porcaria) não faz bem. Da mesma forma, fumo e drogas prejudicam. O mesmo se aplica a riquezas conquistadas por meios ilícitos ou ambições tornadas realidade por intermédio da traição aos que confiaram em nós, e assim por diante. Ser humanamente maduro é saber o que desejar.

A oração é a educação do desejo. Por exemplo, a *Amidá* (grande oração) dos dias da semana, ensina a buscar conhecimento, sabedoria e compreensão – e não apenas carro novo, viagem exótica ou roupas caras – e a querer retornar a Deus quando, como ocorre frequentemente, trilhamos outros caminhos que não os da conduta apropriada, obrigados pela pressão do dia a dia. Ela nos ensina a buscar recuperação espiritual junto com saúde física, a buscar o que será melhor para nós mesmos e também para nosso povo e para toda a Humanidade.

As Bênçãos da Manhã abrem os nossos olhos para as maravilhas do mundo físico. Elas nos educam a agradecer o dom de estar vivo. Nos *pessukê dezimrá*, os versos de louvor, aprendemos a perceber o Criador por meio de Sua Criação. Sentimos a canção da terra no vento que move as folhas das árvores, nas nuvens que desfilam pelo céu e no sol que derrete a neve. Percebemos o louvor dirigido ao Eterno no hálito de tudo o que vive.

Ao pronunciar o *Shemá* cobrimos nossos olhos para nos recolher ao mundo dos sons e para ouvir a voz de Deus que só conseguimos perceber no silêncio de nossa alma. E as palavras que escutamos traduzem amor – nosso amor por Deus e Seu amor por nós. Então, chegamos à *Amidá* e

ficamos de pé na presença do Eterno, damos três passos para frente e nos curvamos.

Lehavdil – ou seja, sem que isto implique numa verdadeira comparação –, é semelhante ao sentimento do povo inglês quando encontra sua Rainha: você sabe que está na presença da majestade. É isto que os judeus sentem – qualquer judeu, todos os dias – quando fica de pé e começa a Grande Oração.

A oração nos ensina a agradecer. Há uma famosa e fascinante pesquisa médica realizada nos Estados Unidos conhecida como Estudo das Freiras segundo a qual um grupo de freiras autorizou uma equipe médica a estudar sua forma de vida do ponto de vista da Medicina. Ao comparar as freiras da época da pesquisa com as resumidas biografias que elas mesmas escreveram 60 anos antes, ao entrarem para a ordem, os pesquisadores descobriram o seguinte: aquelas que, aos 20 anos de idade, expressavam mais gratidão, viviam mais e adoeciam menos do que as outras. Expressar agradecimento – *modim anáchnu lach*, em hebraico – gera uma felicidade espiritual que, por sua vez, ajuda a manter a saúde física.

Acima de tudo, a oração nos faz saber que não estamos sozinhos no mundo. Quando Natan (então Anatoly) Sharansky foi aprisionado pela KGB – a polícia secreta e repressiva do regime comunista –, sua mulher Avital lhe deu um pequeno livro em hebraico: o Livro dos Salmos. Mas a KGB confiscou supondo que ele poderia extrair força desse livro para resistir aos sofrimentos da prisão. Ele lutou durante três anos para reaver o livro e finalmente o devolveram. Ele tinha conhecimento limitado do hebraico e como era um brilhante matemático trabalhou como se o livro fosse um código escrito a que precisava decifrar. E decifrou lentamente palavra por palavra, até conseguir completar uma frase, o que, naquela prisão soviética lhe pareceu uma verdadeira revelação. Era um versículo do Salmo 23: “Ainda que eu siga pelo vale das sobras da morte, não temerei o mal, pois Tu estarás comigo.” Muitos anos mais tarde, usou as palavras deste versículo como título de sua autobiografia: “Não temerei o mal”. Rezar é saber que “Tu estarás comigo”. É saber que não estamos sozinhos.

Sem alguém para receber uma bênção, não pode haver bênção. Sem um tanque onde recolher a água da chuva, ela pode cair, mas não teremos o que beber.

Sem um rádio, não haverá como converter as sondas sonoras em sons. As bênçãos do Eterno fluem constantemente, mas se não nos convertermos em um recipiente para recebê-las, elas não descerão sobre nós. A prece é o ato de nos tornar um veículo para o Divino.

A oração é para a alma o que o exercício é para o corpo. Você pode viver sem exercício, mas não será uma vida saudável. Você pode viver sem orações, mas imensas áreas da experiência humana lhe estarão fechadas.

A oração transforma o mundo porque nos transforma, abrindo os olhos para o brilho do mundo de Deus e os ouvidos para ouvir o sussurro da voz do mundo de Deus.

Carta 14

O ritual

O senhor nos falou das grandes ideias do judaísmo. Mas como isso se conecta aos detalhes expressos nas normas judaicas de comportamento, às complexas leis a respeito do que podemos e do que não podemos comer, do que podemos fazer e o que é proibido no Shabat, os 613 mandamentos e tudo mais? O judaísmo não corre o risco de perder o tronco em detrimento das folhas, e seu grande projeto em razão da multiplicidade de regras e regulamentos?

Rute

Cara Rute,

Permita-me recomendar as recém-publicadas séries de livros *Outliers* (“Fora de Série”), de Malcolm Gladwell, e *Bounce* (“O Grande Salto”), de Matthew Syed, sobre o que torna maior as grandes pessoas. O que alguns têm e o resto das pessoas não tem, seja no campo dos esportes, da literatura, da música ou da ciência?

É uma questão fundamental e existem histórias fascinantes que nos ajudam a encontrar resposta. Syed conta, por exemplo, que em uma rua

na cidade inglesa de Reading havia mais jovens especialistas em tênis de mesa do que em toda a Inglaterra junta. Ele devia saber disto, pois era um deles.

Havia também um húngaro chamado Lazlo Polgar que, ainda antes de casar decidiu que seus filhos se tornariam campeões de xadrez. Teve três filhas e todas elas se tornaram grandes mestres neste jogo.

É óbvio que genialidade independe somente de genes. Não há base para se supor que o gene da excelência em tênis de mesa surgiu assim, de repente, num determinado momento e local em Berkshire.

A resposta está no equivalente neurocientífico da velha piada segundo a qual um turista para um táxi e pergunta ao motorista como chegar ao Royal Festival Hall, e o motorista responde: “Praticando, praticando muito.”

É o que os campeões fazem. Eles simplesmente dedicam ao campo de seu interesse mais horas do que qualquer outra pessoa. O número mágico talvez seja dez mil horas. Aproximadamente dez anos de muita dedicação e prática é o necessário para alcançar a posição de liderança em qualquer campo.

Até Mozart, o exemplo clássico de criança prodígio, confirma esta regra. Leopoldo era tanto um músico respeitado quanto um pai dominador, que forçava o jovem Wolfgang Amadeus a praticar música desde os três anos. Embora tenha alcançado o brilhantismo como executante por volta dos seis, somente aos vinte começou a compor obras de gênio.

A novidade em tudo isto é a neurociência. Cada nova capacidade reconfigura o cérebro, criando novos caminhos neurais. Aparentemente uma substância no cérebro conhecida como mielina, cuja função antigamente não era bem compreendida, liga estes caminhos tornando as conexões mais rápidas quanto mais vezes forem usadas.

É a prática que faz certas respostas serem imediatas e intuitivas, contornando os circuitos deliberativos mais lentos do cérebro. Isto explica a grande rapidez como Novak Djokovic ou Roger Federer podem devolver um serviço. Quanto mais você pratica, menos necessita de pensamento consciente. Esta a razão porque após anos de prática ao volante, não precisamos pensar sobre as mudanças de velocidade do carro da mesma forma de quando éramos aprendizes.

Até onde sei, nenhum autor aplicou estas descobertas à religião, mas são grandes as implicações em relação ao assunto a respeito do qual você, Rute, me pergunta: o ritual.

As pessoas costumam pensar que o que separa as pessoas religiosas das não religiosas é o fato de acreditarem em coisas diferentes. Mas isto não é nem a metade da explicação. As pessoas religiosas se comportam de uma forma distinta das demais. Elas se dedicam à prática dos rituais, fazendo coisas como, por exemplo, rezar com frequência.

De certa forma, o ritual é o equivalente religioso da “prática intensa”. Todas as grandes realizações requerem um ritual. Compreendemos agora que a prática cria novos caminhos neurais. Faz certas formas de comportamento se tornarem instintivas. Reconfigura nosso caráter de modo a que deixamos de ser as pessoas que éramos antes de rezar. Elas estão gravadas em nossos instintos, da mesma forma que determinados lances estão gravados na mente dos campeões de tênis, respostas específicas a determinadas circunstâncias. O ritual transforma o mundo porque nos transforma.

Conforme escreveu Moisés Maimônides, este é “o objetivo da maioria dos mandamentos”. A repetição cria hábitos profundamente arraigados em nossa mente. A oração gera o sentimento de gratidão. Praticar caridade fazendo doações diárias torna a pessoa generosa. A ética sexual do judaísmo treina o controle da libido e ajuda a evitar comportamentos abusivos que fazem as vítimas sofrer e, eventualmente, destroem carreiras promissoras. Cada um dos mandamentos judaicos “Não farás” ensinam autocontrole. Mesmo Sigmund Freud, que não era lá muito fã das religiões, reconhecia o poder do judaísmo em criar “renúncias instintivas”, o que para ele era a base da moralidade e da sociedade.

Em vez de algo ultrapassado, o ritual está perfeitamente sintonizado à nova neurociência do talento humano, a personalidade e a elasticidade do cérebro. Para o judaísmo é relevante o que a neurociência ajuda a redescobrir: o ritual cria novos hábitos de coração que podem nos elevar a níveis de grandeza jamais alcançados.

Servir a Deus dá muito trabalho

O senhor está falando sério? Respeitar o Shabat, a cashrut ou as leis do micvê realmente mudam a nossa personalidade?

Rute

Sim, Rute.

Falo com absoluta seriedade. O escritor e jornalista judeu Howard Jacobson me perguntou certa vez por que razão o judaísmo parece tão obcecado por detalhes. Pego de surpresa, não retruqueei e perguntei algo óbvio: “Howard, como você conseguiu escrever um romance que ganhou o prêmio de melhor livro do ano?”

A resposta que todo autor dá a essa pergunta é: Ora, muito trabalho. Inspirado ou não você tem de trabalhar todos os dias (exceto no *Shabat* e *Iom Tov*) e transformar o ato de escrever em um ritual. Além disso, tem de se preocupar o tempo todo com certos detalhes como: será que esse personagem é convincente? Será esse diálogo adequado? Colocar tal coisa no enredo soará absurdo? Toda grande realização em qualquer campo requer ritual, rotina e atenção aos detalhes quase ao ponto de se tornar obsessivo. O gênio é formado de 1% de inspiração e 99% de transpiração.

O mesmo se aplica a assuntos espirituais. Uma das grandezas do judaísmo foi compreender esta simples verdade. Algumas pessoas pensam que fé é como talento: ou você o possui ou não. Mas até mesmo com o talento não é assim que as coisas acontecem.

Este é o ponto central destes livros publicados há pouco, que mencionei em meu último e-mail. De acordo com o judaísmo somos todos capazes de alcançar grandeza espiritual. Em seu código de leis (Leis do Arrependimento 5:2), Moisés Maimônides diz que “qualquer um pode ser tão íntegro quanto Moisés”. Mas, para isso terá de trabalhar tão arduamente como Moisés. Não por acaso o judaísmo deu o nome de *avodá* (que significa trabalho árduo) o ato de servir a Deus.

De fato, em nenhum outro campo o trabalho duro traz mais bênçãos do que na vida espiritual. Eis uma experiência difícil, Rute: suponha que você está para aceitar um trabalho numa firma, quando outra empresa, concorrente da primeira, te procura e propõe pagar o dobro “sob determinadas condições”: de que nunca leia um livro, escute uma música, assista um filme ou mantenha uma conversa não relacionada com seu trabalho.

Você aceitaria? Claro que não. Não precisa ser judia para saber que independentemente do dinheiro que te ofereçam não venderá sua alma. O filósofo John Stuart Mill disse: “É melhor ser um Sócrates descontente do que um tolo satisfeito.” Os prazeres espirituais são os mais elevados dentre todos. São os que nos tornam humanos. Nenhuma fé ou civilização trabalhou mais intensamente pela vida do espírito do que o judaísmo com sua multiplicidade de mandamentos e seus intrincados detalhes.

E isso muda as vidas da forma mais extraordinária. Três exemplos muito simples:

1) Até hoje os judeus doam para a caridade de maneira desproporcional ao seu número. Este é um hábito que começou e se mantém há mais de 3.000 anos, desde as antigas leis de doação do dízimo; os cantos do campo, que não podiam ser colhidos; as espigas caídas, que não podiam ser recolhidas; a remissão dos débitos a cada sete anos, e todas as outras formas de *tsedacá*, justiça social, tão centrais na vida judaica.

2) Mesmo os judeus seculares apreciam o estudo, o saber e as atividades mentais. Basta pensar nos grandes intelectos judeus do mundo moderno: Einstein, na Física; David Émile Durkheim, na Sociologia; Claude Levi-Strauss, na Antropologia; Isaiah Berlin, na Filosofia; Marcel Proust, Franz Kafka, Isaac Bashevis Singer, Shmuel Agnon, Saul Bellow e Cecil Roth, na Literatura; 22% de todos os Prêmios Nobel no século 20 e 49% dos campeões de xadrez foram judeus, que correspondem a apenas 0,2% da população mundial. Como afirmou certa vez Sergey Brin, cofundador do Google: “Viemos de uma dessas famílias judaicas da Rússia nas quais se espera que até o bombeiro tenha um doutorado.” Qual a origem disso se não de uma religião que fez do estudo, do *talmud torá*, um dever mais elevado do que as orações?

3) Os judeus se distinguiram ao longo da História por formar famílias excepcionalmente fortes. Isso está na estrutura da lei judaica, que santifica o lar, incentiva o amor entre marido e mulher, entre pais e filhos, e reveste tudo que se refere ao casamento com o manto da santidade.

A tal ponto o judaísmo transforma os judeus que, mesmo aqueles que por várias gerações estiveram afastados de suas práticas religiosas, continuam carregando consigo hábitos do coração e disciplinas da mente que nasceram e se mantiveram por meio dos mandamentos.

Eles vivem de um capital herdado. Mas é sempre melhor construir sua própria riqueza espiritual e ensinar a seus filhos também como fazê-lo, o que significa manter o judaísmo e suas disciplinas diárias.

Carta 16

O retorno do antissemitismo

Rabino, permita mudar de assunto. Por que o antissemitismo voltou a se manifestar? Todos concordavam com a afirmação de que, depois do Holocausto, “Nunca Mais” (Never again). Agora, no entanto, parece que é “De Novo Outra Vez” (Ever again). Isto realmente me perturba.

Michel

Esta é uma das questões mais sérias atualmente. Vamos recuar um pouco no tempo e analisar o que é o antissemitismo. Não se trata de uma doutrina coerente. No século 19, os judeus eram odiados porque eram ricos e porque eram pobres; porque eram capitalistas e porque eram comunistas; porque se mantinham separados e porque se infiltravam em toda parte. Voltaire os odiava porque acreditavam numa fé antiquada e supersticiosa. Stalin os odiava porque eram cosmopolitas desenraizados que não acreditavam em nada.

Antissemitismo não é uma crença. É uma doença que pouco tem a ver com os judeus. Explico: o mundo está em contínua mudança e isso é algo muito difícil de ser tolerado pelas pessoas, especialmente quando isto as faz experimentar um sentimento de perda. A forma mais simples de suportar a mudança é culpando alguém por tê-la provocado. No deserto, os israelitas fizeram isso com Moisés. Era irrelevante o fato de ele os haver libertado da escravidão; a acusação era de tê-los levado ao deserto para ali morrerem.

Culpar alguém é manifestação de uma doença muito perigosa. Ela define a pessoa como vítima e a absolve de qualquer responsabilidade. Permite dizer que o problema que você enfrenta decorre dos erros de outros, e se não fosse por eles você não estaria sofrendo. Isso é falso e autodestrutivo, mas reconforta.

A quem então culpar? A alguém suficientemente próximo de você de modo a ser um candidato plausível a levar a culpa; suficientemente diferente para não ser igual a você; e inofensivo ou fraco, ou pronto a perdoar, para não ser perigoso acusá-lo. Ninguém culpa realmente aqueles a quem temem.

Os judeus desempenharam este papel na Europa cristã durante muitos séculos. Eles eram religiosamente diferentes e no século XIX passaram a ser considerados racialmente diferentes. Hoje eles desempenham este papel no Oriente Médio islâmico. Não são árabes. Não são muçulmanos. São diferentes.

O antissemitismo é uma projeção causada menos pelos judeus e mais pelos conflitos no interior das sociedades que o fazem surgir. Atualmente, o Oriente Médio, e até certo ponto a Europa, estão dilacerados por conflitos. O mundo muda econômica, política e tecnologicamente mais depressa do que as pessoas podem suportar. Então procuram alguém para culpar que pode ser o Ocidente; os EUA; ou os judeus. Como os judeus são minoria no Ocidente ou nos EUA, acabam sendo os escolhidos.

Mil anos de antissemitismo cristão e europeu deram lugar a mitos que variam do “Libelo de Sangue” aos “Protocolos dos Sábios de Sião”. Após o Holocausto, as pessoas começaram a perceber o poder devastador destas falsas acusações e a Europa se curou delas.

O problema é que a Europa já havia infectado o Oriente Médio com esses mitos. O “Libelo de Sangue” foi levado para o Egito e à Síria pelos coptas e pelos cristãos maronitas no princípio do século XIX. Os “Protocolos dos Sábios de Sião” vieram na bagagem do Mufti de Jerusalém diretamente da Alemanha nazista. Esses mitos foram ressuscitados hoje estão bem vivos e têm sido transmitidos pelas emissoras de televisão do Egito e da Síria, e também por outras mídias oficiais.

O antissemitismo é uma doutrina mortal que, se ameaça os judeus, também acaba destruindo as próprias sociedades antissemitas. E a razão é óbvia porque, ao culpar os outros e se definir como vítima, você abdica da responsabilidade de resolver seus próprios problemas. Por isto, a cristandade medieval, a Alemanha nazista, a Rússia czarista e a União Soviética – grandes potências em seus dias – morreram por deterioração intestinal. Não se pode construir uma religião, sociedade ou identidade baseada em preconceitos. O ódio põe em perigo aquele que é odiado, mas destrói aquele que odeia.

Em seu último mês de vida, Moisés deu aos israelitas uma ordem estranha: “Não abominarás o egípcio porque foste peregrino em sua terra” (Deuteronômio 23:8). O que ele queria dizer com isto? Afinal, os egípcios escravizaram os judeus e tentaram matar todos os recém-nascidos do sexo masculino, o que já seria uma boa razão para odiá-los. Muito ao contrário.

O que Moisés dizia era algo muito profundo. Ele ensinava à geração seguinte que, se continuassem a odiar os egípcios, eles continuariam sendo escravos – do passado, do ressentimento, da mágoa. Moisés teria retirado os israelitas do Egito, mas não teria tirado o Egito dos israelitas. Ele afirmava uma verdade muito profunda: Se você quer ser livre, você tem de se livrar do ódio.

Esta é a mensagem a respeito da qual devemos sempre insistir a cada oportunidade. O antissemitismo incomoda não porque os judeus são judeus, mas porque os judeus são humanos. Não se pode negar a humanidade de alguém sem pôr em risco a sua própria humanidade.

O isolamento de Israel

Rabino, o senhor considera que as críticas a Israel, do tipo das que estamos vivenciando no campus hoje em dia, são uma demonstração de antissemitismo?

Rute

Para não lhe dar uma falsa conotação devemos ser cuidadosos com o uso das palavras, Rute. É errado imaginar que qualquer crítica a Israel seja uma manifestação antissemita. Depende da crítica.

Há cinco tipos de críticas a Israel.

O primeiro é aquele que toda nação recebe porque nenhuma delas é perfeita. Viver com estas críticas é algo que faz parte da liberdade democrática, e Israel é uma democracia.

O segundo tipo são as críticas cuja origem está no fato de as pessoas estarem sempre do lado dos oprimidos, do lado de David contra Golias. Antigamente, Israel era encarado como David, a pequena nação cercada de inimigos por todos os lados. Após a vitória na Guerra dos Seis Dias, a maré mudou lentamente. Hoje Israel é visto como Golias, e os palestinos, como David. Temos de conviver com isto. É melhor termos um Israel forte, seguro e criticado do que fraco e vulnerável, mas despertando a simpatia dos povos.

O terceiro tipo de crítica vem da simples ignorância dos fatos, sendo a mais significativa a afirmação de que Israel é um obstáculo à paz. Na realidade, nas décadas de 1920 e 1930 foram apresentados vários planos para a partilha da terra em dois estados, um judeu e um árabe. Os judeus os aceitaram, os árabes os rejeitaram. Em 1947, as Nações Unidas votaram pela partilha. Mais uma vez, os judeus aceitaram e os árabes recusaram. Em 1948, David Ben Gurion reafirmou um apelo pela paz como parte central da Declaração de Independência. Os vizinhos de Israel – Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque – responderam atacando Israel em todas as frentes.

A oferta de paz foi renovada em 1967 após a Guerra dos Seis Dias, e a resposta da Liga Árabe, reunida em Cartum, em setembro de 1967, foram os famosos “três não’s”: não à paz, não às negociações e não ao reconhecimento do Estado de Israel. Golda Meir reiterou um apelo à paz várias vezes, mas sempre rejeitado.

A oferta mais corajosa foi de Ehud Barak em Taba, em 2001. Ele ofereceu aos palestinos um estado que incluía a totalidade de Gaza e 97% dos territórios situados no lado Oeste do Jordão, compensações para os outros 3% e Jerusalém Oriental como capital. Muitos membros do grupo palestino queriam aceitá-la, mas Yasser Arafat recusou.

Desde 1920 o obstáculo à paz sempre foi a recusa dos palestinos e do que os apoiam em reconhecer a legitimidade de Israel e seu direito de existir. Você não pode – evidentemente, não pode – assinar a paz com quem nega seu direito à existência. Paz é muito mais do que uma estação de descanso na estrada da guerra.

O quarto tipo de crítica não vem dos que são simplesmente ignorantes, mas dos que estão decididos a ser ignorantes e, portanto, enganam deliberadamente a seus interlocutores. São aqueles que clamam ser Israel um país racista onde impera o *apartheid*, quando, na realidade, os hospitais de Israel atendem a pessoas de todas as religiões e grupos étnicos, e todos são tratados da mesma forma. Todos têm direito a voto. Todos podem frequentar as universidades. Todos podem ser eleitos e ter lugar no *Knesset*.

Depois da renúncia de Moshe Katzav, o árabe druzo Majalli Wahabi foi por um breve período presidente de Israel, enquanto a chefe do governo Dália Itzik estava ausente do país. Um árabe cristão, George Karra, chefou o colégio de juízes que julgou e considerou culpado o Presidente Katzav. Isso seria impossível em um estado que praticasse o *apartheid*.

Enquanto isso, em dezembro de 2010, o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, declarou: “Temos dito com toda a franqueza e sempre repetiremos. Se houver um país palestino independente tendo Jerusalém como capital, não autorizaremos lá a presença de um israelense sequer.” Racista é esta visão de uma Palestina *Judenrein* (sem judeus).

O quinto tipo de crítica antissionista é o propagado pelo Hamas, Hezbollah e Irã, que encaram a destruição de Israel com um princípio

religioso inegociável. É um tipo de teologia obscurantista semelhante a que foi praticada pela Igreja por muitos séculos, e é o antijudaísmo clássico. Num mundo de 82 estados cristãos e 56 islâmicos, eles afirmam que somente os judeus não têm o direito de ter um lar próprio.

Embutidos no quarto e no quinto tipo de crítica estão os tradicionais mitos antissemitas, como o “Libelo de Sangue” e os “Protocolos dos Sábios de Sião”.

Tudo isto nos diz respeito por várias razões. Primeiro, porque isto faz aumentar o antissemitismo. Segundo, porque a retórica recheada de ódio está sendo permitida nos *campi* dos EUA e da Inglaterra em nome da liberdade acadêmica. Mas isto não é liberdade acadêmica, que significa liberdade de expressar e sustentar pontos de vista sem medo, mesmo que se oponham ao consenso geral. Hoje em dia esta liberdade de não sofrer intimidação está sendo negada aos que defendem Israel.

Liberdade acadêmica significa permitir todas as partes se manifestar e ser ouvidas com respeito. Sem dúvida não é o que acontece. O que ocorre está muito bem descrito no famoso livro de Julian Benda, intitulado *Le trahison des clercs* (“A Traição dos Intelectuais”) onde se lê que a academia deixou de ser um lugar de busca da verdade para se tornar a arena para a organização intelectual de ódios políticos. Escrito em 1927, tem a virtude de ser premonitório por aquilo que veio a acontecer alguns anos mais tarde.

A recusa em conceder a Israel o justo direito de se manifestar não trará a paz, não ajudará os palestinos e prejudicará bastante a causa da liberdade no Oriente Médio. A Primavera Árabe de 2011 mostrou como eram ditatoriais os regimes dos países que lideravam as hostilidades contra Israel. Isto porque o antissemitismo histórico, e agora o antissionismo, foram as ferramentas escolhidas pelos ditadores para desviar as críticas a seus próprios governos.

É possível mostrar as consequências desta conduta numa única frase: “Aqueles que negam a liberdade de Israel nunca alcançarão sua própria liberdade.” Apesar disso devemos apoiar todas as iniciativas de paz no Oriente Médio, de modo a chegar a uma era em que os povos de todas as crenças e etnias possam gozar de liberdade, dignidade e segurança.

O Deus da Vida e o Livro da Vida

Rabino, temos muitas outras perguntas, mas decidimos guardá-las por enquanto e perguntar simplesmente: Que mensagem o senhor pode nos dirigir para o ano que vem?

Rute e Michel

Rute e Michel,

Uma das grandes mensagens das nossas orações e que consta no Salmo 90, diz: “Ensina-nos com o contar de nossos dias a alcançar a sabedoria do coração.” Como disse Steve Jobs: “Seu tempo é limitado, portanto não o desperdice vivendo a vida de outro” Não tente ser o que você não é. Tente ser aquilo para o qual você foi chamado a ser”.

Tenho visto pessoas alcançarem grande êxito e, contudo, terminarem suas vidas tristes e solitárias porque sempre pensaram em si mesmos e nunca se preocuparam com os outros. Vejo pessoas de grande talento não realizarem suas potencialidades porque nunca realmente perceberam que caráter importa mais do que talento, e sabedoria mais do que esperteza. Vejo pessoas acumularem grandes posses e nem por isso encontram a felicidade, porque esqueceram que riqueza é somente um meio, e não um fim. A felicidade é constituída pelo bem que fazemos, as relações que estabelecemos e pela dimensão das melhorias que produzimos nas vidas de outros.

Segundo uma bem elaborada pesquisa, pessoas religiosas são mais felizes e vivem mais do que outras – nem sempre, pois há muitas exceções, mas na média, sim. A razão para isto é evidente. A religião encoraja a manter o casamento, a reforçar a família, a nos tornarmos parte de uma comunidade e a fazer o bem aos outros por meio de doações, *tsedacá*, e trabalhos voluntários, *chessed*. A fé preenche nossa vida de sentido.

Não é minha intenção criticar qualquer um que tenha feito outras escolhas nem sugerir que as pessoas religiosas estejam menos expostas

aos inúmeros choques com os quais nos deparamos na vida, mas concluí que a fé tem ajudado a mim e a muitas outras pessoas a sobreviver às crises, evitar tentações, viver pelas coisas que realmente importam e trabalhar diuturnamente para consertar faltas e erros que sei ter cometido. A fé responde aos melhores reflexos de nossa natureza.

Faz diferença cumprir o *Shabat* e saber que o trabalho é importante, sim, mas que precisa de certos limites. A sociedade muitas vezes os excede. Trata os empregados e os profissionais como se tivessem de ficar a serviço dia e noite, prontos a responder e-mails e telefonemas 24 horas por dia, 7 dias da semana. A sociedade esquece que há limites para nossa vontade de consumir e para a busca da satisfação dos desejos.

Os sábios perguntam por que Deus é também chamado na Torá de *Shadai*? Eles respondem: “Porque Ele pronunciou a palavra *Dai!* (chega, é o bastante!) Há momentos em que temos de dizer *Chega!* e não trabalhar ou dispor do nosso tempo para atender ao telefone. Em vez disso, devemos gozar da companhia da nossa família, participar das celebrações da comunidade e agradecer ao Eterno por Suas bênçãos.

Faz diferença rezar, manter um contato contínuo com Sua Presença em nosso coração, dar voz às nossas esperanças, agradecer por nossas vidas e expressar nossas emoções, unindo nossa voz ao coral sinfônico do nosso povo quando canta louvores ao Eterno.

Faz diferença ter dias como o *Iom Kipur*, no qual podemos reconhecer nossas falhas, fazer correções para reparar nossos erros, pedir perdão e saber que seremos perdoados.

Faz diferença partilhar uma fé e uma tradição com nossos filhos e saber que aquilo pelo qual vivemos continuará – e que, de fato, fazemos parte da mais antiga e notável história jamais escrita por uma nação desde que, pela primeira vez, o homem colocou os pés na terra.

Afinal de contas, a vida deve ter sentido, e jamais encontramos sentido no isolamento. Pense numa letra do alfabeto. Todas as ideias são expressas por meio de palavras e todas elas são construídas com letras. Mas, sozinha, nenhuma letra faz sentido. Para ter significado, ela deve estar unida a outras para formar palavras, sentenças, parágrafos e histórias. O mesmo acontece com as vidas. Nenhuma vida tem significado por si só. Ela deve estar unida a outras vidas, formando

famílias, comunidades, povos e suas histórias. Os individualistas se esquecem disto muitas vezes, mas o judaísmo, jamais.

É verdade que acontecem coisas ruins no mundo hoje em dia. É verdade que Israel está sendo criticado e até mesmo isolado, mas ao menos, após 2.000 anos de exílio, nós temos Israel – um país, um lar, um estado, uma sociedade.

É verdade que há antissemitismo. Mas também há filosemitismo. Os judeus e o judaísmo são respeitados como nunca tinham sido anteriormente. Pesquisa recente nos Estados Unidos, por exemplo, mostrou que os americanos se sentem mais próximos dos judeus do que dos membros de qualquer outro grupo religioso.

É verdade que a vida judaica não é sempre fortemente inspiradora como gostaríamos que fosse, mas o meio de mudar isto é participar da vida judaica e torná-la melhor.

No momento em que lhes escrevo, meus caros Rute e Michel, também celebro 20 anos no cargo de Rabino-Chefe. Parece estranho pensar que iniciei esta tarefa quase na mesma época em que vocês nasceram. Durante esses anos, tive a oportunidade de me encontrar com todos os tipos de judeus em várias partes do mundo. E se gravei alguma coisa destes encontros foi que, de certa forma, os judeus parecem mais vivos, com mais energia e apaixonados, mais ansiosos por viver do que a maioria das outras pessoas.

A explicação para isso não é porque os judeus são diferentes, mas porque o judaísmo é diferente.

Os judeus encontram Deus na própria vida; não em um céu distante, num mundo que virá, num retiro monástico ou num mundo de autonegação e ascetismo. Moisés nos ensinou que Deus não está distante, mas sim, próximo de nós. Perdoem a expressão, mas os judeus sempre trataram Deus – e pela evidência da Torá, Ele também assim nos tem tratado –, como se fôssemos parte da Sua família, parte da *mishpachá*. Talvez por isto discutamos tanto com Ele, e Ele conosco. Mas parentes são inseparáveis. Você pode discutir com eles, e nem por isso deixa de ser membro da família. No judaísmo, Deus está perto de nós e nosso laço com Ele é inquebrantável.

Deus está perto. Deus está aqui. Deus é a vida. Por isso, celebrem a vida. Santifiquem a vida. Transformem a vida em uma bênção e façam uma bênção sobre a vida. Isto é o judaísmo em poucas palavras.

Posso garantir que, independentemente do que resolvam fazer, viver uma vida judaica os ajudará a melhorá-la, com mais equilíbrio, mais sabedoria, mais alegria, um sentimento mais profundo de propósito e um sentimento de terem sido tocados pela eternidade.

Queridos Rute e Michel: que o Deus da vida os inscreva no Livro da Vida e que a vida de vocês seja um capítulo abençoado em Seu livro.

* *
*

CHIEF RABBI ONLINE

Se você quiser continuar a estudar com o Rabino-Chefe, cadastre seu e-mail (por favor, não no *Shabat* ou *Iom Tov*) no site www.chiefrabbi.org. Isto lhe dará acesso a *Covenant and Conversation* – a seção de estudo semanal do Rabino-Chefe sobre a porção semanal da Torá –, bem como aos seus *Thought for the Day* na BBC, seus artigos na seção *Credo* do *The Times*, pronunciamentos na Casa dos Lordes e muito mais. Tudo isso está disponível de forma escrita e/ou áudio e vídeo. Isto também lhe dará acesso às principais palestras dele no próximo ano.

Posfácio à Edição Brasileira

Desde a mais tenra juventude, dedico-me à atividade comunitária. Faz parte do meu DNA. Jamais consegui imaginar minha vida sem um laço intenso com minha família maior, que é nossa comunidade. E, ao longo dessas décadas, colhi momentos de profunda emoção e muito gratificantes, vislumbrando sempre, com uma humilde contribuição, a possibilidade de edificarmos uma vida judaica sólida, pluralista e espiritualizada para nossos filhos.

A sobrecarga de demandas familiares, profissionais e comunitárias não me impediu de aceitar mais um desafio, o de presidir a Confederação Israelita do Brasil, entidade máxima de representação política de nossa comunidade. Desde 2008, respaldado por minha família, amigos e uma diretoria extremamente preparada e comprometida, buscamos, em um projeto apoiado na experiência e admiração nossa das gestões anteriores, organizar a comunidade para enfrentar os diversos e crescentes obstáculos que surgem neste início de século 21.

Embora de vocação eminentemente política, a CONIB não se furta a aportar contribuições em outros campos da ação comunitária. Trabalhamos, dentro de nossas possibilidades, para que tenhamos uma comunidade cada vez mais organizada, cada vez mais mobilizada e cada vez mais unida. E, também, cada vez mais imersa no mundo do judaísmo.

Tal lógica nos leva a, sem hesitação, apoiar a publicação de uma obra como esta. E temos também a honra de poder colaborar com os elogiáveis esforços de trazer a nossa comunidade a

mensagem do Rabino Lord Jonathan Sacks, figura de destaque ímpar no cenário do judaísmo contemporâneo. A impressionante clareza em sua visão nos ajuda a entender melhor os desafios deste começo de século.

Claudio Luiz Lottenberg

Presidente da Confederação Israelita do Brasil

Tishrê 5773



Ilustração da capa:

“Archives – VI of S.O.M. Suite”, de Shraga Weil.

Weil nasceu em Nitra, na Checoslováquia, em 1918, e estudou na Academia de Arte de Praga. Seus primeiros trabalhos gráficos foram produzidos durante a Segunda Guerra Mundial, quando estava preso. Depois da guerra, chegou a Israel como imigrante ilegal, em 1947, e tornou-se membro do Kibutz Haoguen, onde viveu e trabalhou até 20 de fevereiro de 2009, quando morreu.

Entre seus trabalhos estão os portais e a entrada principal da Knesset e da residência presidencial, em Jerusalém, as paredes de cerâmica da Grande Sinagoga de Tel-Aviv e os painéis de madeira no hall do Kennedy Center, em Washington. Seus trabalhos misturam modernismo e tradição e se caracterizam pelo uso de motivos bíblicos e rabínicos. Em 1959, foi laureado com o Prêmio Dizengoff.

Nesta serigrafia, intitulada “Archives”, Weil representa uma pessoa buscando resposta para o significado da vida. Ao recordar todos os livros que já leu, ela está sentada na sala de seus arquivos procurando respostas às suas perguntas. Representa de forma muito bela a conexão entre “livro” e “vida”. Ao longo do ano, tentamos assegurar que nossa vida esteja alinhada com o Livro de Deus, e de Rosh Hashaná até o Iom Kipur rezamos e pedimos para ser inscritos em Seu Livro da Vida.

Esta imagem foi reproduzida por cortesia da Safrai Gallery de Jerusalém (www.safrai.com) onde muitas de suas serigrafias e posters podem ser adquiridos.



O Rabino Lord Jonathan Sacks
é, desde 1991, Rabino-Chefe
da Grã-Bretanha e
Comunidade Britânica.

Educado em Cambridge e Oxford,
lecionou em universidades e
liderou congregações na
Inglaterra, em Israel e nos
Estados Unidos.

Autor de vários livros, entre
eles "Uma Letra da Torá" e "Para
Curar um Mundo Fraturado",
publicados em português pela
Editora Sêfer, ele vive em
Londres, Inglaterra.

